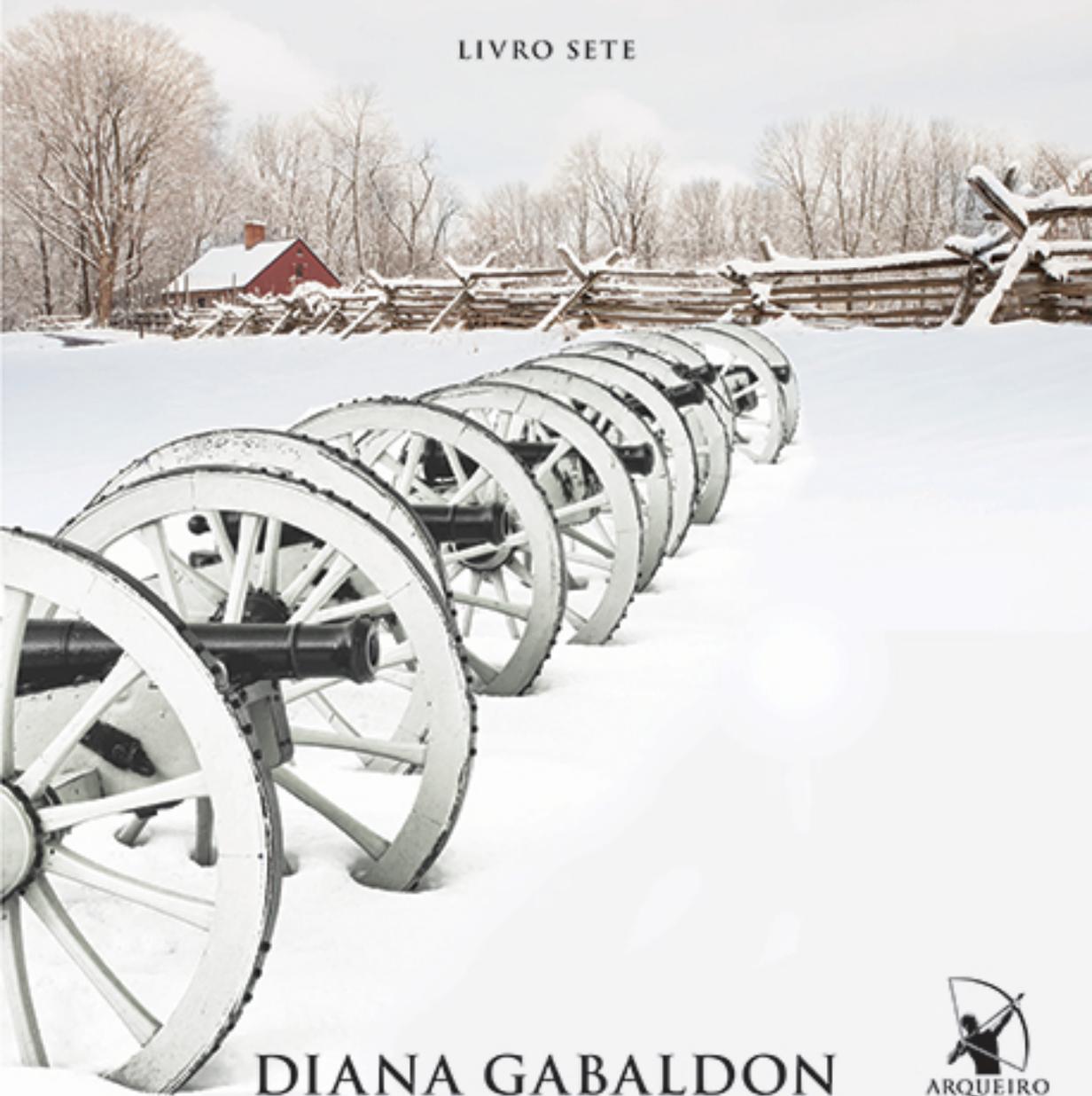


E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

## ECOS DO FUTURO

LIVRO SETE



DIANA GABALDON



*A todos os meus queridos cachorros:*

PENNY LOUISE

TIPPER JOHN

JOHN

FLIP

ARCHIE E ED

TIPPY

SPOTS

EMILY

AJAX

MOLLY

GUS

HOMER E JJ

## PRÓLOGO

O corpo é extremamente maleável. O espírito, mais ainda. Mas há alguns estados dos quais você não consegue se recobrar. Não é mesmo, *a nighean*? De fato, o corpo pode ser facilmente mutilado, e o espírito, incapacitado. No entanto, há algo no ser humano que nunca pode ser destruído.

# PARTE I

## Águas turbulentas



## ÀS VEZES ELES ESTÃO REALMENTE MORTOS

*Wilmington, colônia da Carolina do Norte  
Julho de 1776*

A cabeça do pirata havia submergido. William ouviu a conversa de um grupo de vagabundos em um cais próximo, especulando se ela seria vista outra vez.

– Não, ele se foi para sempre – disse um mestiço maltrapilho, balançando a cabeça. – Se os jacarés não o levarem, a água fará o serviço.

Um caipira revirou o fumo na boca e cuspiu na água, discordando:

– Não, ele dura mais um dia... talvez dois. Sabe as cartilagens que seguram a cabeça? Elas secam ao sol e ficam duras como ferro. Já vi isso muitas vezes em carcaças de veados.

William viu a sra. MacKenzie lançar um olhar rápido ao porto e, logo em seguida, virar o rosto. *Ela está um pouco pálida*, pensou, tentando bloquear a visão dela dos homens e das águas turvas, apesar de o corpo amarrado à estaca estar naturalmente escondido pela maré alta. A estaca, entretanto, era visível – uma dura lembrança do preço do crime. O pirata fora amarrado ali havia vários dias, para que se afogasse nos baixios. A persistência de seu corpo em decomposição era assunto corrente nas conversas do povo.

– Jem! – chamou o sr. MacKenzie, ríspido, e passou energicamente por William, em direção ao filho.

O menino, ruivo como a mãe, se afastara para ouvir a conversa dos homens e agora se debruçava perigosamente sobre a água, agarrando-se a um poste de amarração na tentativa de ver o pirata morto.

O sr. MacKenzie segurou o garoto pela gola, puxou-o e o levantou nos braços, apesar de o menino se debater, esticando o pescoço na direção do porto alagadiço.

– Quero ver o jacaré comer o pirata, papai!

Os vagabundos riram e até MacKenzie abriu um leve sorriso. Mas o sorriso desapareceu assim que viu sua mulher. Num instante, já estava a seu lado, a mão sob seu cotovelo.

– Acho que devemos ir – disse MacKenzie, ajeitando o peso do filho no colo a fim de apoiar melhor sua mulher, cuja aflição era evidente. – O tenente Ransom, quero dizer, lorde Ellesmere – corrigiu-se, com um sorriso de desculpas para William – sem dúvida tem outros compromissos.

Era verdade. William havia prometido jantar com o pai. Ainda assim, seu pai

combinara encontrá-lo na taverna em frente ao cais; não havia como se desentramarem. William explicou isso e insistiu para que ficassem, pois apreciava a companhia deles – particularmente da sra. MacKenzie –, mas ela sorriu com pesar, embora aparentasse estar melhor, e afagou a cabecinha entoucada do bebê em seus braços.

– Não, nós precisamos ir. – Ela olhou de relance para o filho, ainda se debatendo para descer do colo do pai, e William viu seus olhos relancearem rapidamente na direção do porto e da estaca inflexível que se erguia acima da água. Resoluta, desviou o rosto. – O bebê está acordando; deve estar com fome. Mas foi um prazer encontrá-lo. Gostaria que pudéssemos conversar por mais tempo – disse com sinceridade e tocou levemente no braço dele, causando-lhe uma agradável sensação na boca do estômago.

Os vagabundos agora faziam apostas sobre o reaparecimento do pirata afogado, apesar de nenhum deles parecer ter um tostão furado no bolso.

– Dois para um como ele ainda estará lá quando a maré baixar.

– Cinco para um que o corpo ainda estará lá, mas a cabeça terá ido. Não quero saber do que você disse sobre cartilagens, Lem, que a cabeça dele estaria pendurada por um fio quando a maré baixasse. A próxima vai arrancá-la, você vai ver.

Esperando abafar a conversa, William iniciou uma elaborada despedida, chegando até a beijar a mão da sra. MacKenzie com seus modos mais cortesias – e, tomado de inspiração, beijou a mãozinha do bebê também, fazendo todos rirem. O sr. MacKenzie, por sua vez, lançou-lhe um olhar de estranheza, mas não pareceu se ofender. Apertou a mão de William de maneira bastante republicana e levou adiante a brincadeira, colocando seu filho no chão e fazendo o menino apertar sua mão também.

– Você já matou alguém? – perguntou o menino com interesse, olhando para a espada embainhada de William.

– Não, ainda não – respondeu William, sorrindo.

– Meu avô matou duas dúzias de homens!

– Jemmy! – exclamaram os pais simultaneamente, e o menino deu de ombros.

– Matou, *sim!*

– Tenho certeza de que seu avô é um homem forte e corajoso. – William lhe assegurou com ar muito sério. – O rei precisa de homens assim.

– Meu avô diz que o rei pode ir tomar naquele lugar – retrucou o garoto inocentemente.

– JEMMY!

O sr. MacKenzie tapou a boca do filho.

– Você *sabe* que seu avô não falou nada disso! – disse a sra. MacKenzie.

O menino aquiesceu e o pai recolheu a mão.

– Não. Mas vovó, *sim.*

– Bem, isso é mais provável – murmurou o sr. MacKenzie, obviamente se esforçando para não rir. – Ainda assim, não diga isso para soldados. Eles trabalham para o rei.

– A maré está baixando agora? – indagou o menino, mudando de assunto e esticando o pescoço na direção do porto.

– Não – respondeu o sr. MacKenzie com firmeza. – Só daqui a muitas horas. Você já estará na cama.

A sra. MacKenzie sorriu para William, desculpando-se, as faces encantadoramente ruborizadas de constrangimento, e a família partiu às pressas, deixando William entre o riso e o assombro.

– Ei, Ramson!

Virou-se ao ouvir seu nome, deparando-se com Harry Dobson e Colin Osborn, dois subtenentes de seu regimento, evidentemente de folga e ansiosos para experimentar os prazeres de Wilmington, se assim podiam ser chamados.

– Quem são? – Dobson acompanhou com os olhos o grupo que se afastava, interessado.

– Sr. e sra. MacKenzie. Amigos de meu pai.

– Ah, ela é casada, então? – comentou Dobson, ainda observando a mulher. – Bem, imagino que isso torne as coisas um pouco mais difíceis. Mas o que é a vida sem um desafio?

– Desafio? – William lançou um olhar zombeteiro ao seu diminuto amigo. – O marido dela tem quase três vezes o seu tamanho, caso não tenha notado.

Osborn riu, ruborizando.

– A mulher tem o *dobro* do tamanho dele! Ela iria esmagá-lo, Dobby.

– E o que o faz pensar que eu pretendia ficar por baixo? – indagou Dobson com dignidade.

Osborn vaiou o colega.

– Por que essa obsessão por mulheres grandes? – perguntou William. Olhou para a pequena família, agora quase fora do alcance da vista no final da rua. – Aquela mulher é quase tão alta quanto eu!

– Ah, está tripudiando, hein?

Osborn – que tinha mais estatura que o 1,50 metro de Dobson, mas era uns 30 centímetros mais baixo que William – fingiu mirar um chute no joelho do amigo mais alto. William se esquivou e deu um sopapo em Osborn, que se abaixou e o empurrou contra Dobson.

– Cavalheiros!

O tom de voz ameaçador do sargento Cutter, com seu sotaque popular londrino, os fez parar abruptamente. Podiam ter patente superior ao sargento, mas nenhum deles teria a petulância de ressaltar isso. O batalhão inteiro temia o sargento Cutter, que era bem mais velho e tinha mais ou menos a altura de Dobson, mas continha em seu pequeno corpo a fúria de um grande vulcão em erupção.

– Sargento! – O tenente William Ransom, conde de Ellesmere e oficial de mais alta patente do grupo, empertigou-se, o queixo pressionado contra o lenço do pescoço.

Osborn e Dobson apressadamente o imitaram, as pernas tremendo.

Cutter andou de um lado para outro na frente deles, como um leopardo espreitando a presa. Quase se podia ver a cauda açoitando e o animal lambendo os beiços de expectativa, William pensou. Esperar o ataque era quase pior do que levar uma mordida no traseiro.

– E onde estão suas tropas – vociferou Cutter –, *senhores?*

Osborn e Dobson imediatamente começaram a gaguejar explicações, mas o tenente Ransom – ao menos dessa vez – era inocente.

– Meus homens estão guardando o Palácio do Governador, sob as ordens do tenente Colson. Eu recebi licença para me ausentar, sargento, para jantar com meu pai – respondeu William respeitosamente. – De sir Peter.

Sir Peter Packer era um nome capaz de exercer um poder mágico. Cutter se abrandou no meio do ataque. No entanto, para surpresa de William, não fora o nome de sir Peter que produzira tal reação.

– Seu pai? – perguntou Cutter, estreitando os olhos. – É lorde John Grey, não é?

– Hã... sim – respondeu William com cautela. – O senhor... o conhece?

Antes que Cutter pudesse responder, a porta de uma taverna próxima se abriu e o pai de William surgiu. William sorriu, encantado com a oportuna aparição, mas rapidamente fechou a cara quando o olhar perfurante do sargento se fixou nele.

– Não fique rindo para *mim* como um macaco abobalhado – começou o sargento em tom ameaçador, mas foi interrompido pelo tapinha familiar de lorde John em seu ombro. Um gesto que nenhum dos três jovens tenentes teria ousado ainda que lhes fosse oferecido muito dinheiro.

– Cutter! – exclamou lorde John, sorrindo calorosamente. – Ouvi sua voz e pensei: “Ora, vejam se não é o sargento Aloysius Cutter! Não pode haver outro homem no mundo que pareça tanto com um buldogue que engoliu um gato e viveu para contar.”

– *Aloysius?* – enunciou Dobson silenciosamente para William, mas este apenas soltou um breve grunhido em resposta, impossibilitado de dar de ombros, uma vez que seu pai agora voltara sua atenção para ele.

– William – disse lorde John, com um aceno cordial da cabeça. – Você é muito pontual. Desculpe-me por estar tão atrasado. Fui retido.

No entanto, antes que William pudesse retrucar qualquer coisa ou apresentar os outros, o pai iniciara uma extensa série de reminiscências com o sargento Cutter, lembrando os velhos tempos nas planícies de Abraham com o general Wolfe.

Isso permitiu que os três jovens oficiais relaxassem um pouco, o que, no caso de Dobson, significava um retorno à sua linha de pensamento anterior.

– Você disse que aquela boneca de cabelos ruivos era amiga de seu pai? – sussurrou para William. – Descubra com ele onde ela está hospedada.

– Idiota – sibilo Osborn. – Ela nem é bonita! Tem o nariz reto e comprido como... como... o de Willie!

– Não cheguei a ver seu rosto – disse Dobson, sorrindo afetadamente. – Já seus peitos estavam exatamente na altura dos meus olhos, e *esses*...

– Imbecil!

– Shh! – Osborn pisou no pé de Dobson para fazê-lo se calar quando lorde John se voltou novamente para os rapazes.

– Não vai me apresentar seus amigos, William? – perguntou.

Um pouco ruborizado – tinha razões para achar que o pai possuía uma audição aguçada, apesar de suas experiências na artilharia –, William os apresentou. Osborn e Dobson se inclinaram, com admiração e reverência. Eles até então não sabiam quem seu pai era e William se sentiu imediatamente orgulhoso ao vê-los impressionados e ligeiramente consternados por terem descoberto a sua identidade. Todo o batalhão já estaria sabendo antes do jantar do dia seguinte. Não que sir Peter não soubesse, é claro, mas...

William interrompeu suas divagações ao ver que o pai se despedia por ambos e retribuiu a continência do sargento, apressadamente mas de maneira correta, antes de seguir o pai e abandonar Dobby e Osborn à própria sorte.

– Eu o vi conversando com o sr. e a sra. MacKenzie – comentou lorde John. – Eles estão bem? – Lançou um olhar pelo cais, mas os MacKenzies já haviam desaparecido de vista.

– Parece que sim – respondeu William.

Ele *não* iria perguntar onde os MacKenzies estavam hospedados, mas a impressão que a jovem mulher lhe causara persistia. Não sabia dizer se ela era bonita ou não. Seus olhos, entretanto, o haviam cativado: de um lindo tom azul-escuro, com longas pestanas castanho-avermelhadas, fixaram-se nele com uma intensidade lisonjeira que enterneceu o fundo de seu coração. Grotescamente alta, é claro, mas... O que ele estava pensando? A mulher era casada, e com filhos! E, ainda por cima, era ruiva.

– Você... os conhece há muito tempo? – perguntou William ao pai, pensando nos surpreendentes sentimentos políticos avessos que evidentemente prosperavam na família.

– Há bastante tempo. Ela é filha de um dos meus amigos mais antigos, sr. James Fraser. Lembra-se dele?

William franziu a testa, sem conseguir situar o nome. Seu pai tinha milhares de amigos, como ele poderia...?

– Ah! – exclamou. – É um inglês? Não foi um sr. Fraser que nós visitamos nas montanhas, naquela ocasião em que o senhor adoeceu com... com sarampo?

Sentiu um aperto no fundo do estômago, lembrando-se do absoluto terror daquela época. Ele tinha atravessado as montanhas aturdido e infeliz; sua mãe havia morrido apenas um mês antes. Então lorde John pegara sarampo e William tivera certeza de que seu pai iria morrer também, deixando-o sozinho naquela região inóspita. Não

havia espaço em sua mente para nada além de medo e pesar, e ele guardara apenas um amontoado confuso de impressões da visita. Tinha uma vaga recordação de que o sr. Fraser o levara para pescar e fora muito gentil com ele.

– Sim – respondeu o pai, com um sorriso enviesado. – Estou enternecido, Willie. Imaginava que você se recordasse daquela visita mais por causa de suas desventuras do que pelas minhas.

– Des... – A lembrança o inundou no mesmo instante, seguida por uma onda de calor mais quente que o ar úmido de verão. – Muito obrigado! Eu havia conseguido expurgar isso da minha memória até você mencionar!

Seu pai ria, sem fazer nenhuma tentativa de esconder o fato. Na realidade, ele gargalhava.

– Desculpe-me, William – disse, arquejando e enxugando os olhos com a ponta de seu lenço. – Não consigo me conter. Foi a mais... a mais... ah, meu Deus, nunca vou me esquecer da sua cara quando o retiramos daquela latrina!

– Você *sabe* que foi um acidente – falou William em voz baixa.

Suas faces ardiavam com a mortificante recordação. Ao menos a filha de Fraser não estava presente para testemunhar sua humilhação na época.

– Sim, claro. Mas... – Seu pai pressionou o lenço contra a boca, os ombros se sacudindo levemente.

– Fique à vontade para interromper o cacarejo a qualquer momento que quiser – disse William friamente. – Aonde estamos indo, aliás?

Haviam alcançado o fim do cais. Ainda resfolegando como uma orca, o pai os conduzia a uma das ruas tranquilas, arborizadas, longe das tavernas e das hospedarias próximas ao porto.

– Vamos jantar com o capitão Richardson – disse o pai, controlando-se com visível esforço. Ele tossiu, assoou o nariz e guardou o lenço. – Na casa do sr. Bell.

A casa do sr. Bell era caiada, bonita e próspera, sem ser pomposa. O capitão Richardson dava o mesmo tipo de impressão: de meia-idade, bem-arrumado e com roupas de corte impecável, mas sem nenhum estilo notável e com um rosto que não se poderia distinguir em uma multidão dois minutos depois de visto.

As duas senhoritas Bell causavam uma impressão bem maior, particularmente a mais jovem, Miriam, cujos cachos cor de mel espreitavam para fora da touca. Seus olhos grandes e redondos permaneceram fixos em William durante todo o jantar.

Miriam estava muito longe para ele poder conversar com ela, mas a linguagem do olhar era suficiente para indicar que o fascínio era mútuo. Se uma oportunidade de comunicação mais pessoal se apresentasse mais tarde... Um sorriso e um recatado abaixar de pestanas, seguidos de um rápido olhar na direção da porta aberta para a varanda lateral, para arejar a sala. Ele retribuiu o sorriso.

– Você acha que sim, William? – perguntou o pai, alto o suficiente para indicar que era a segunda vez que perguntava.

– Ah, sem dúvida. Humm... Acho o quê? – indagou William, já que se tratava de seu pai, e não de um comandante.

Seu pai lhe lançou um olhar que significava que ele teria revirado os olhos se não estivessem em público, mas respondeu pacientemente:

– O sr. Bell perguntava se sir Peter pretende permanecer bastante tempo em Wilmington.

O sr. Bell, à cabeceira da mesa, inclinou-se educadamente, apesar de William observar que ele meio estreitava os olhos na direção de Miriam. Talvez devesse voltar para uma visita amanhã, pensou, quando o sr. Bell estaria em seu local de trabalho.

– Acredito que permaneceremos aqui por pouco tempo – disse respeitosamente ao sr. Bell. – Entendo que os principais problemas estão no interior da colônia. Assim, sem dúvida, devemos partir sem demora para reprimi-los.

O sr. Bell pareceu satisfeito, mas William percebeu pelo canto do olho o gracioso biquinho de insatisfação que Miriam fez à ideia de sua iminente partida.

– Ótimo, ótimo – comentou Bell jovialmente. – Sem dúvida, centenas de legalistas acorrerão para se juntarem à sua marcha.

– Certamente, senhor – murmurou William, tomando mais uma colherada de sopa.

Duvidava que o sr. Bell estaria entre eles. Pelo visto, não era do tipo que se une à luta. E não que a ajuda de um bando de provincianos sem treinamento, armados com pás, pudesse ser útil. Mas ele certamente não podia argumentar isso.

William, tentando ver Miriam sem encará-la, interceptou o relance de um olhar entre seu pai e o capitão Richardson e, pela primeira vez, começou a se indagar. Seu pai anunciara claramente que iriam jantar com o capitão Richardson, querendo dizer que um encontro com o capitão era o objetivo da noite. Por quê?

Então captou um olhar da srta. Lillian Bell, sentada à sua frente, ao lado de seu pai, e parou de pensar no capitão. De olhos escuros, mais alta e mais esbelta do que a irmã – mas certamente uma jovem muito bonita, ele percebia agora.

Ainda assim, quando a sra. Bell e suas filhas se levantaram e os homens se retiraram para a varanda após o jantar, William não ficou surpreso de se encontrar em uma das extremidades com o capitão Richardson, enquanto seu pai envolvia o sr. Bell em uma animada discussão sobre os preços do alcatrão na outra ponta. O pai conseguia conversar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto.

– Tenho uma proposta para você, tenente – disse Richardson depois que as cordialidades de costume foram trocadas.

– Sim, senhor – respondeu William respeitosamente.

Sua curiosidade aumentava. Richardson era um capitão da cavalaria ligeira, mas no momento não estava com seu regimento; isso ele havia revelado durante o jantar, dizendo displicentemente que fora destacado para um serviço à parte. Destacado para quê?

– Não sei quanto seu pai lhe falou sobre a minha missão...

– Nada, senhor.

– Ah. Estou no serviço de inteligência, encarregado de reunir informações no Departamento do Sul. Não que eu esteja no comando de tais operações, sabe... – O capitão sorriu com modéstia. – Apenas de uma pequena parte.

– Reconheço o grande valor de tais operações, senhor – disse William, tentando ser diplomático –, mas eu...

– Não tem nenhum interesse em espionagem. Não, claro que não. – Estava escuro na varanda, mas a frieza do tom de voz do capitão era evidente. – Poucos homens que se consideram soldados têm.

– Sem ofensa, senhor.

– Não se preocupe. Eu não estou, entretanto, recrutando-o como espião. É uma ocupação delicada e que envolve algum perigo. Em vez disso, gostaria de recrutá-lo como mensageiro. Embora, caso surja a oportunidade de atuar como agente de espionagem ao longo do caminho... Bem, isso seria uma contribuição muito apreciada.

William sentiu o sangue subir a seu rosto com a insinuação de que não seria capaz de lidar com missões delicadas e perigosas, mas controlou a raiva, dizendo apenas:

– Sim?

O capitão, ao que parecia, havia reunido informações importantes referentes às condições locais nas Carolinas e queria enviá-las ao comandante do Departamento do Norte, general Howe, no momento em Halifax.

– Naturalmente, enviarei mais de um mensageiro – disse Richardson. – Sem dúvida, é mais rápido de navio, mas quero ter ao menos um mensageiro viajando por terra, tanto por segurança quanto para coletar observações *en route*. Seu pai enaltece muito suas qualidades, tenente – teria detectado um tom de zombaria naquela voz seca? –, e fui informado de que já viajou extensamente pela Carolina do Norte e pela Virgínia. É um atributo valioso. Há de concordar que não quero ver meu mensageiro desaparecer no Grande Pântano para nunca mais ser visto.

– Rá-rá-rá. Certamente – comentou William com educação, interpretando a preocupação de Richardson como uma pilhéria.

Obviamente, o capitão Richardson nunca estivera perto do Grande Pântano; William havia estado, embora achasse que ninguém em seu juízo perfeito iria naquela direção intencionalmente, a não ser para caçar.

Ele também tinha sérias dúvidas quanto à sugestão de Richardson, embora, ao mesmo tempo que dizia a si mesmo que não deveria considerar deixar seu regimento, já acalentasse uma visão romântica de si mesmo, sozinho na imensidão deserta, levando notícias importantes através de tempestades e perigos.

Ainda mais digno de consideração, entretanto, era o que ele poderia esperar do outro lado da jornada.

Richardson se adiantou à sua pergunta, respondendo-a antes que ele a pronunciasse:

– Uma vez no Norte, você poderia se juntar ao exército do general Howe. Isto é, se lhe convier.

*Ora, ora*, pensou William. Ali estava o prêmio, e bastante atraente. Sabia que a parte do “se lhe convier” se referia ao general Howe, não a ele. Mas tinha confiança na própria capacidade e achou que talvez pudesse ser útil.

Estivera na Carolina do Norte apenas por alguns dias, mas fora o suficiente para fazer uma avaliação precisa das chances de progresso entre o Departamento do Norte e o do Sul. Todo o Exército Continental estava com Washington no Norte; a rebelião do Sul consistia em bolsões problemáticos de habitantes do interior e milícias improvisadas. Não chegavam a ser uma ameaça real. E quanto ao status relativo de sir Peter e do general Howe como comandantes...

– Capitão, se possível, gostaria de pensar em sua proposta – sugeriu, esperando que sua voz não traísse sua ansiedade. – Posso dar minha resposta amanhã?

– Sem dúvida. Imagino que queira discutir as perspectivas com seu pai.

O capitão, então, deliberadamente mudou de assunto e, em poucos instantes, lorde John e o sr. Bell se reuniram a eles e a conversa passou para assuntos gerais.

William prestava pouca atenção no que diziam. Sua atenção fora atraída pela visão de duas figuras esbeltas e brancas que pairavam como fantasmas em meio aos arbustos nos limites externos do pátio. Duas cabeças em toucas brancas se aproximavam uma da outra, depois se afastavam. De vez em quando, uma delas se virava brevemente para a varanda com o que parecia um ar especulativo.

– “E quanto às suas vestes, eles tiraram a sorte” – murmurou seu pai.

– O quê?

– Nada. – Seu pai sorriu e se virou para o capitão Richardson, que acabara de fazer um comentário sobre o tempo.

Vaga-lumes iluminavam o pátio, perambulando como faíscas verdes em meio às plantas úmidas e exuberantes. Era bom ver vaga-lumes outra vez; sentira falta deles na Inglaterra – e daquela suavidade particular do ar do Sul que fazia o sangue latejar nas pontas de seus dedos. Grilos cricrilavam ao redor e, por um momento, seu canto pareceu abafar tudo mais, salvo o som de sua pulsação.

– O café está servido, cavalheiros.

A voz suave da escrava dos Bells atravessou a leve agitação de seu sangue e ele entrou com os outros homens, lançando apenas um olhar de relance na direção do pátio. As figuras haviam desaparecido, mas uma sensação de promessa permanecia no ar morno e suave.

Uma hora mais tarde, ele se viu caminhando de volta em direção a seu alojamento, os pensamentos agradavelmente confusos, seu pai em silêncio a seu lado.

A srta. Lillian Bell lhe concedera um beijo entre os vaga-lumes no final da noite, casto e fugaz, mas nos lábios, e o denso ar do verão lembrava café e morangos maduros, a despeito do aroma úmido e penetrante do porto.

– O capitão Richardson me falou da proposta que lhe fez – disse lorde John de maneira descontraída. – Está interessado?

– Não sei – respondeu William, com igual descontração. – Eu sentiria falta dos meus homens, é claro, mas...

A sra. Bell insistira para que ele fosse tomar chá mais para o final da semana.

– Há pouca permanência na vida militar – disse o pai, balançando levemente a cabeça. – Eu avisei.

William concordou com um breve resmungo, sem prestar atenção de fato.

– Uma boa oportunidade para progredir na carreira – afirmou o pai, acrescentando casualmente: – Embora haja algum perigo na proposta.

– O quê? – zombou William ao ouvir isso. – Cavalgar de Wilmington para pegar um navio em Nova York? Há uma estrada por quase todo o caminho!

– E muitos habitantes locais – ressaltou lorde John. – Todo o exército do general Washington está neste lado da Filadélfia, se as notícias que tive estão corretas.

William deu de ombros.

– Richardson disse que me queria porque eu conhecia a região. Posso me orientar muito bem sem estradas.

– Tem certeza? Faz quatro anos que você não vai à Virgínia.

O tom de dúvida de lorde John aborreceu William.

– Acha que não sou capaz de encontrar o caminho?

– De modo algum – respondeu o pai, ainda com o tom de dúvida na voz. – Mas os riscos dessa proposta não são poucos; não gostaria de vê-lo assumir essa missão sem as devidas considerações.

– Bem, já pensei a respeito – comentou William, ofendido. – Vou aceitar.

Lorde John caminhou mais alguns passos em silêncio, depois balançou a cabeça, com relutância.

– A decisão é sua, Willie – retrucou. – Mas eu ficaria muito agradecido se você tomasse cuidado.

O aborrecimento de William se desfez no mesmo instante.

– Claro que tomarei – disse, com a voz embargada.

Continuaram a andar sob o manto escuro de bordos e nogueiras, calados, tão próximos que seus ombros se roçavam de vez em quando. Na estalagem, William desejou uma boa noite a lorde John, mas não retornou ao próprio quarto. Em vez disso, perambulou pelo cais, agitado demais para ir dormir.

A maré virara e estava bem baixa. O cheiro de peixes mortos e algas em decomposição era forte, embora um plácido lençol de água ainda cobrisse os baixios, silenciosos ao luar minguinte. Levou um instante para encontrar a estaca. Por um segundo, pensou que ela tivesse desaparecido, mas não. Lá estava, uma linha escura e fina contra o reflexo da água. Vazia.

A estaca já não estava ereta, mas pronunciadamente inclinada, como se estivesse

prestes a cair, com um fino laço de corda pendente, flutuando como o laço de força de um carrasco na maré vazante. William sentiu uma inquietação visceral. A maré não teria levado o corpo inteiro. Alguns diziam que havia jacarés ou crocodilos ali, embora ele nunca tivesse visto um. Olhou para baixo involuntariamente, como se um desses répteis pudesse dar um bote aos seus pés. O ar ainda estava quente, mas um leve calafrio o percorreu.

Tentou se livrar da sensação e se virou na direção de seu alojamento. Ainda teria um ou dois dias antes de iniciar a viagem, e imaginou se deveria ir ver a sra. MacKenzie antes de partir.

Lorde John se demorou um pouco na varanda da estalagem, observando seu filho desaparecer nas sombras das árvores. Tinha algumas inquietações. A questão fora acertada com mais urgência do que gostaria, mas ele confiava na capacidade de William. E, embora o acordo tivesse seus riscos, isso fazia parte da natureza da vida de um soldado. Contudo, algumas situações eram mais arriscadas do que outras.

Hesitou, ouvindo o burburinho do salão do bar no interior da estalagem, mas já tivera companhia suficiente por aquela noite e a ideia de ficar se virando de um lado para outro sob o teto baixo de seu quarto, sufocante com o calor acumulado do dia, o fez decidir caminhar um pouco até que o cansaço físico assegurasse um bom sono.

Não era apenas o calor, refletiu, deixando a varanda e partindo na direção oposta à de William. Ele se conhecia muito bem para saber que mesmo o aparente sucesso de seu plano não iria evitar que ficasse acordado, preocupando-se como um cachorro com o osso, procurando os pontos fracos, buscando formas de melhorá-lo. Afinal, William não iria partir imediatamente; havia algum tempo para refletir, fazer alterações, se necessário.

O general Howe, por exemplo. Teria sido a melhor escolha? Talvez Clinton... mas não. Henry Clinton era um velho rabugento, que não mexia um pé sem ordens em três vias.

Os irmãos Howe – um general, outro almirante – eram reconhecidos pela rispidez. Ambos tinham os modos e o cheiro de javalis no cio. Mas nenhum dos dois era burro, e Deus sabia que não eram tímidos. Grey considerava William capaz de sobreviver às maneiras rudes e às palavras ríspidas. E um comandante dado a cuspir no chão – Richard Howe certa vez cuspira no próprio Grey, embora sem querer, devido a uma súbita mudança da direção do vento – possivelmente era mais fácil para um jovem subalterno do que as idiossincrasias de alguns militares que Grey conhecia.

Embora os mais peculiares da fraternidade da espada fossem preferíveis aos diplomatas. Perguntou-se distraidamente qual seria o coletivo de diplomatas. Se os

escritores formavam a fraternidade da pena e um bando de lobos era denominado alcateia... uma corja de diplomatas, talvez? Irmãos de diplomacia? Não, decidiu. Óbvio demais. Fraternidade do tédio, mais adequado. Embora, às vezes, os que não eram maçantes pudessem ser perigosos.

Sir George Germain era uma exceção: maçante e perigoso.

Perambulou para cima e para baixo das ruas da cidade por algum tempo, na esperança de se cansar antes de voltar para o quarto pequeno e abafado. O céu estava baixo e soturno, com relâmpagos cintilando entre as nuvens, e o ar estava úmido. Ela já devia estar em Albany, não menos úmida e infestada de insetos, porém um pouco mais fresca, e próxima às belas e escuras florestas das Adirondacks. Ainda assim, não se arrependia de sua apressada viagem a Wilmington. Willie fora selecionado; isso era importante. E a irmã de William, Brianna...

Estacou por um instante, os olhos cerrados, revivendo o momento de transcendência e aflição que experimentara naquela tarde vendo os dois juntos no que seria o seu único encontro, para sempre. Ele mal conseguira respirar, os olhos fixos nas duas figuras altas, aqueles rostos bonitos, ousados, tão parecidos – e ambos tão semelhantes ao homem que se postara a seu lado, imóvel, mas, ao contrário de Grey, sorvendo grandes haustos de ar, como se temesse nunca mais conseguir respirar outra vez.

Grey esfregou distraidamente o dedo anular da mão esquerda, ainda não acostumado com a ausência do anel. Jamie Fraser e ele haviam feito o possível para proteger os que amavam. Apesar da melancolia, sentia-se reconfortado com a ideia de estarem unidos nesse parentesco de responsabilidade.

*Será que algum dia voltarei a me encontrar com Brianna Fraser MacKenzie?*, perguntou-se. Ela dissera que não e parecera tão triste com o fato quanto ele.

– Que Deus a abençoe, minha filha – murmurou ele enquanto se virava na direção do porto.

Iria sentir muito a falta dela, mas, assim como acontecia em relação a Willie, seu alívio de saber que ela logo estaria longe de Wilmington e fora de perigo sobrepujava sua sensação de perda.

Olhou para a água quando saiu no cais e suspirou aliviado ao ver a estaca vazia. Não compreendera suas razões para fazer o que fizera, mas ele conhecia seu pai – e seu irmão também, aliás – havia muito tempo para se enganar com a teimosa convicção que vira naqueles felinos olhos azuis. Assim, conseguira o pequeno barco que ela pedira e permanecera no ancoradouro com o coração na boca, pronto para criar uma distração, enquanto seu marido remava, levando-a na direção do pirata amarrado à estaca.

Ele já vira muitos homens morrerem, em geral a contragosto, às vezes com resignação. Nunca vira alguém partir com tão apaixonada gratidão no olhar. Grey pouco conhecia Roger MacKenzie, mas suspeitava que se tratava de um homem

extraordinário, tendo não só sobrevivido ao casamento com aquela criatura fabulosa e perigosa como gerado dois filhos com ela.

Balançou a cabeça e se dirigiu de volta à estalagem. Poderia esperar mais duas semanas até responder à carta de Germain, que ele tinha furtado do malote diplomático ao ver o nome de William na missiva. Então escreveria que, quando a carta fora recebida, lorde Ellesmere estava em algum lugar da vastidão deserta entre a Carolina do Norte e Nova York e, assim, não pôde ser informado de que ele era chamado de volta à Inglaterra, embora Grey estivesse certo de que Ellesmere lamentaria profundamente ter perdido a oportunidade de fazer parte da equipe de sir George quando recebesse a notícia, meses depois. Uma pena.

Começou a assoviar “Lillibulero” e acelerou o passo de volta à estalagem, sentindo-se mais animado. Parou no bar e pediu que uma garrafa de vinho fosse levada a seu quarto. Foi informado pela atendente que um “cavalheiro” já subira com uma garrafa.

– E dois copos – acrescentou, sorrindo para ele. – Então, suponho que ele não pretenda beber tudo sozinho.

Grey sentiu algo como uma centopeia correr pela sua espinha.

– Desculpe – falou. – Você disse que há um cavalheiro em meu quarto?

– Sim, senhor – confirmou ela. – Contou que é um velho amigo seu... Na verdade, ele mencionou seu nome... – Franziu a testa por um instante. Em seguida, seu semblante se desanuviou. – Bou-chau, ou algo assim. Parecia um nome francês. E o cavalheiro também parecia afrancesado. Deseja alguma coisa para comer também, senhor?

– Não, obrigado.

Ele a dispensou com um aceno de mão e subiu as escadas, pensando rapidamente se havia deixado em seu quarto alguma coisa que não deveria. Um francês chamado Bou-chau... *Beauchamp*. O nome atravessou sua mente como um relâmpago. Estacou por um instante no meio da escada, em seguida retomou a subida, mais devagar.

Claro que não... mas quem mais poderia ser? Quando saíra da ativa, há alguns anos, começara a vida diplomática como membro da Black Chamber inglesa, uma obscura organização encarregada de interceptar e decodificar a correspondência diplomática oficial – e mensagens muito menos oficiais que fluíam entre os governos da Europa. Cada um desses governos possuía a própria Black Chamber e não era incomum que os membros conhecessem seus pares. Nunca se conheciam pessoalmente, mas os reconheciam pela assinatura, pelas iniciais ou pelas observações escritas nas margens.

Beauchamp fora um dos agentes franceses mais ativos. Grey cruzara com ele várias vezes ao longo dos anos, muito embora seus próprios dias na Black Chamber já estivessem no passado. Se ele conhecia Beauchamp de nome, era razoável supor que

o sujeito também o conhecesse. Mas eles nunca haviam se encontrado pessoalmente, e para tal encontro ocorrer *ali...*

Tocou o bolso secreto em seu casaco e se tranquilizou com o estalido abafado de papel. Hesitou no topo da escada, mas de nada adiantava ser furtivo; era esperado. Com passos firmes, desceu o corredor e girou a maçaneta de porcelana branca de sua porta, a louça lisa e fria sob seus dedos.

Uma onda de calor o envolveu e ele arfou involuntariamente. Ainda bem, pois isso o impediu de proferir a blasfêmia que saltara aos seus lábios.

O cavalheiro que ocupava a única cadeira do aposento era realmente “afrancesado”: seu traje muito bem cortado, realçado por cascatas de renda branca como neve na garganta e nos punhos, os sapatos com fivelas de prata que combinavam com os cabelos nas têmporas.

– Sr. Beauchamp – disse Grey, fechando lentamente a porta atrás de si. Suas roupas de baixo, úmidas de suor, estavam grudadas na pele. Ele podia sentir a pulsação latejando nas têmporas. – Temo que tenha me surpreendido em desvantagem.

Perseverance Wainwright sorriu muito levemente.

– Prazer em vê-lo, John.

Grey mordeu a língua para evitar dizer qualquer coisa insensata. Depois de muito pensar, optou por uma inofensiva saudação.

– Boa noite – disse, erguendo uma das sobrelanceiras com ar de interrogação. – *Monsieur* Beauchamp?

– Ah, sim.

Percy fez menção de se levantar, mas Grey abanou a mão para que permanecesse sentado e foi pegar um banquinho, esperando que os segundos ganhos lhe permitissem recobrar o autocontrole. Vendo que não adiantaram, procurou ganhar mais um tempo abrindo a janela e ficou ali parado, inspirando o ar úmido e denso, antes de se virar e tomar seu assento.

– Como isso aconteceu? – perguntou, fingindo descontração. – Beauchamp, quero dizer. Ou se trata apenas de um *nom de guerre*?

– Ah, não. – Percy pegou seu lenço de renda e delicadamente enxugou a testa. Grey percebeu que seu cabelo começava a rarear. – Casei-me com uma das irmãs do barão Amandine. O nome da família é Beauchamp e eu o adotei. O relacionamento facilitava a entrada em determinados círculos políticos, dos quais...

Ele deu de ombros graciosamente e fez um gesto delicado que abrangia sua carreira na Black Chamber – e sem dúvida em outros lugares.

– Parabéns pelo casamento – disse Grey, sem se dar ao trabalho de disfarçar a ironia na voz. – Com quem você está dormindo: com o barão ou com a irmã?

Percy pareceu achar graça.

– Ambos, de vez em quando.

– Juntos?

O sorriso se alargou. Seus dentes ainda eram bons, Grey notou, embora um pouco manchados pelo vinho.

– De vez em quando. Embora Cecile, minha mulher, realmente prefira as atenções de sua prima Lucienne e eu prefira as atenções do ajudante do jardineiro. Um homem adorável chamado Emile; me lembra um pouco você... em seus anos de juventude. Esbelto, louro, musculoso e viril.

Para seu espanto, Grey sentiu vontade de rir. Em vez disso, disse secamente:

– Soa extremamente francês. Tenho certeza de que lhe convém. O que deseja?

– É mais uma questão do que  *você*  deseja, eu acho. – Percy ainda não havia bebido nada do vinho; pegou a garrafa e serviu a bebida cuidadosamente, o líquido vermelho borbulhando, escuro, contra os copos. – Ou talvez eu deva dizer “o que a Inglaterra deseja”. – Estendeu um copo a Grey, sorrindo. – Pois dificilmente se podem separar os interesses próprios dos interesses do país, não é? Na verdade, confesso que você sempre me pareceu  *ser*  a Inglaterra, John.

Grey gostaria que ele não usasse seu primeiro nome, mas proibi-lo só iria enfatizar a lembrança da intimidade dos dois – que era, é claro, a intenção de Percy. Resolveu ignorar isso e tomou um pequeno gole do vinho, que era bom. Perguntou-se se ele teria pagado. E, se tivesse, como.

– O que a Inglaterra deseja – repetiu, cético. – E qual é sua impressão do que a Inglaterra quer?

Percy tomou um gole do vinho e o reteve na boca, saboreando-o, antes de finalmente engolir.

– Não é propriamente um segredo, não é, meu caro?

Grey suspirou e olhou fixamente para ele.

– Você viu essa “Declaração de Independência” publicada pelo chamado Congresso Continental? – perguntou Percy, enfiando a mão em uma sacola de couro que pendurara nas costas da cadeira. De lá retirou um maço de papéis dobrados, que entregou a Grey.

Grey não tinha visto o documento em questão, embora certamente tivesse ouvido falar dele. Fora impresso havia apenas duas semanas, na Filadélfia, mas as cópias haviam se espalhado pelas colônias como ervas daninhas carregadas pelo vento. Erguendo uma das sobancelhas para Percy, desdobrou as folhas e passou os olhos rapidamente por elas.

– O rei é um tirano? – perguntou, quase rindo do ultraje de alguns dos sentimentos mais extremos do documento. Dobrou as folhas e as atirou sobre a mesa. – E, se eu sou a Inglaterra, imagino que você seja a personificação da França, para fins desta conversa.

– Represento certos interesses do país – respondeu Percy calmamente. – E do Canadá.

Isso fez soar o alarme. Grey havia lutado no Canadá com Wolfe e tinha plena consciência de que, apesar de terem perdido grande parte de suas possessões na América do Norte, os franceses continuavam ferozmente entrincheirados nas regiões ao norte, de Ohio Valley a Quebec. Perto o bastante para causar problemas agora? Achava que não. Mas não descartaria nada dos franceses nem de Percy.

– A Inglaterra quer um fim rápido desta bobajada, obviamente. – A mão longa e magra de Percy apontou na direção do documento. – O Exército Continental, como o chamam, é uma frágil associação de homens sem experiência e com ideias conflitantes. E se eu lhe fornecesse informações que poderiam ser usadas para afastar um dos principais oficiais de Washington de sua lealdade?

– A pergunta é outra – retrucou Grey, sem fazer nenhum esforço para esconder o ceticismo em sua voz. – De que forma isso beneficiaria a França ou seus interesses, que tomo a liberdade de achar que não são completamente idênticos?

– Vejo que o tempo não abrandou seu cinismo natural, John. Um de seus traços menos atraentes... Não sei se já mencionei isso a você.

Grey arregalou ligeiramente os olhos e Percy suspirou.

– Terras, é isso – respondeu Percy. – O Território Noroeste. Nós o queremos de volta. Grey soltou uma risada curta.

– Imagino que sim.

O território em questão, uma grande extensão a noroeste do vale do rio Ohio, fora cedido à Grã-Bretanha pela França no fim da guerra entre franceses e índios. A Inglaterra, entretanto, não ocupara as terras e impedira a expansão colonial naquela direção, devido à resistência armada dos nativos e da presente negociação de tratados com eles. Os colonos não estavam satisfeitos com isso. O próprio Grey havia encontrado alguns desses nativos e estava inclinado a achar a posição do governo britânico tanto razoável quanto honrosa.

– Os comerciantes franceses têm extensas ligações com os aborígenes naquela área; vocês não têm nenhuma.

– Os comerciantes de peles de animais sendo alguns dos... interesses... que você representa?

– Não os principais interesses – Percy sorriu abertamente. – Mas alguns.

Grey não se deu ao trabalho de perguntar por que Percy o estava abordando – um diplomata notoriamente aposentado, sem nenhuma influência em particular – com essa questão. Percy conhecia o poder da família e das ligações de Grey da época de seu relacionamento pessoal. “Monsieur Beauchamp” sabia muito mais a respeito de suas atuais conexões pessoais através da rede de informações que alimentava as Black Chambers da Europa. Grey não podia interferir na questão, é claro. Mas estava bem situado para levar a oferta discretamente à atenção daqueles que podiam.

Sentiu cada pelo de seu corpo se eriçar, alerta ao perigo.

– Seria necessário mais do que a sugestão, é claro – disse friamente. – O nome do oficial em questão, por exemplo.

– Não cabe a mim informar. Não agora. Mas quando uma negociação for aberta...

Grey já estava imaginando a quem deveria levar essa proposta. Não a sir George Germain. Ao gabinete de lorde North? Mas isso podia esperar.

– E os *seus* interesses? – perguntou Grey com rispidez. Ele conhecia bem Percy Wainwright para saber que haveria algum aspecto do caso que o beneficiaria.

– Ah, sim. – Percy tomou um pequeno gole do vinho, baixou o copo e olhou calmamente para Grey. – Muito simples, na verdade. Fui encarregado de encontrar um homem. Conhece um cavalheiro escocês chamado James Fraser?

Grey sentiu o fundo de seu copo trincar e cortar sua mão. No entanto, continuou a segurá-lo. Com muito cuidado, tomou um gole do vinho, agradecendo a Deus, primeiro, por nunca ter mencionado o nome de Jamie Fraser a Percy e, segundo, por Fraser ter ido embora de Wilmington naquela tarde.

– Não – respondeu calmamente. – O que você quer com esse sr. Fraser?

Percy deu de ombros e sorriu.

– Só uma ou duas perguntas.

Grey podia sentir o sangue vazando do corte na palma de sua mão. Segurando cuidadosamente os pedaços do copo quebrado, sorveu o resto do vinho. Percy permaneceu em silêncio, bebendo com ele.

– Minhas condolências pelo falecimento de sua esposa – disse Percy brandamente. – Sei que ela...

– Você não sabe nada – retrucou Grey asperamente.

Inclinou-se para a frente e colocou o copo quebrado sobre a mesa; a taça rolou sem direção, a borra do vinho espalhando-se pelo vidro.

– Absolutamente nada. Nem sobre minha mulher, nem sobre mim.

Percy ergueu levemente os ombros. *Como quisier*, o gesto dizia. No entanto, seus olhos – ainda eram bonitos, desgraçado, escuros e meigos – se demoraram sobre Grey com o que parecia um sentimento genuíno.

Grey suspirou. Sem dúvida, *era* genuíno. Percy não era confiável, mas o que ele andara fazendo fora por fraqueza, não por malícia ou mesmo insensibilidade.

– O que você quer? – repetiu.

– Seu filho – começou Percy.

Grey se virou subitamente para ele. Agarrou Percy pelo ombro com tanta força que o sujeito soltou uma pequena arfada e se retesou. Grey se inclinou, olhando tão de perto no rosto de Wainwright/Beauchamp que sentiu o calor do hálito do sujeito em sua face e o cheiro de sua água-de-colônia. Ele estava sujando o casaco de Wainwright de sangue.

– Na última vez que o vi – disse Grey muito calmamente –, estive muito perto de colocar uma bala em sua cabeça. Não me dê motivo para lamentar meu autocontrole.

Fique longe do meu filho, fique longe de mim. E, se quiser um conselho bem-intencionado, volte para a França. Depressa.

Girando nos calcanhares, saiu, fechando a porta com firmeza às suas costas.

Já estava no meio da rua quando percebeu que deixara Percy em seu quarto.

– Para o inferno com ele – murmurou e saiu batendo os pés para pedir ao sargento Cutter uma vaga de alojamento para passar a noite. Pela manhã, iria se certificar de que a família Fraser e William estavam todos a salvo longe de Wilmington.

## 2

### E ÀS VEZES NÃO ESTÃO

*Lallybroch*

*Inverness-shire, Escócia*

*Setembro de 1980*

– *Estamos vivos* – disse Brianna MacKenzie com voz trêmula.

Olhou para Roger, o papel pressionado contra o peito com as duas mãos. Seu rosto estava banhado em lágrimas, mas uma luz gloriosa brilhava nos olhos azuis.

– Vivos!

– Deixe-me ver.

Seu coração batia com tanta força no peito que ele mal conseguia ouvir as próprias palavras. Estendeu a mão e, relutante, ela lhe entregou o papel, agarrando-se a seu braço enquanto ele lia.

A textura do papel era agradavelmente áspera sob os dedos, papel feito à mão com sobras de folhas e flores pressionadas em suas fibras. Amarelado pelo tempo, mas ainda forte e surpreendentemente flexível. A própria Bri o fizera... havia mais de duzentos anos.

Roger percebeu que suas mãos estavam trêmulas, o papel sacudindo tanto que a letra rabiscada era difícil de ser lida, ainda mais com a tinta desbotada.

*31 de dezembro de 1776*

*Querida filha,*

*Como verá se algum dia receber esta, estamos vivos...*

Seus olhos se turvaram e ele os enxugou com as costas da mão, mesmo enquanto dizia a si mesmo que não importava, pois agora Jamie Fraser e Claire certamente estavam mortos. Mas sentiu tal alegria com aquelas palavras na folha que era como se os dois estivessem diante dele, sorrindo.

## CONHEÇA A COLEÇÃO OUTLANDER

LIVRO 1

A viajante do tempo

LIVRO 2

A libélula no âmbar

LIVRO 3

O resgate no mar

LIVRO 4

Os tambores do outono

LIVRO 5

A cruz de fogo

LIVRO 6

Um sopro de neve e cinzas

LIVRO 7

Ecos do futuro

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

